Ensino coletivo de violão: Uma atividade de aprendizagem perceptiva

Johnatan Martins de Sousa
Universidade Federal da Paraíba
Johnatan.martins.sousa@gmail.com

Joelson Montes de Sales
Universidade Federal da Paraíba
Joelsonmontesguitarra@gmail.com

Walter Silva Pedrosa de Almeida
Universidade Federal da Paraíba
tifisica@gmail.com

Carla Pereira dos Santos (orientadora)
Universidade Federal da Paraíba
musiviver@gmail.com

Resumo: Este trabalho é um relato de experiência elaborado a partir da atuação docente com o ensino coletivo de violão em um projeto de extensão em música da Universidade Federal da Paraíba, juntamente com a Orquestra de violões da Paraíba. Apresentamos resultados de um projeto elaborado durante a disciplina de didática, no qual tínhamos um grupo formado por dois alunos de música e um de física. Desta forma, fizemos uma articulação entre música e física para buscar uma melhor compreensão sobre o aprendizado colaborativo. O projeto foi realizado durante um mês nas oficinas de ensino coletivo de violão. O objetivo foi entender, através da percepção, como os alunos que não tiveram nenhum contato anteriormente com o violão aprenderiam o arranjo de uma música tendo como referência seus colegas e professores. A partir da realização do trabalho, foi possível perceber a importância dos aspectos físicos da música para a percepção do aluno, contribuindo para o seu senso crítico, para a dinâmica do grupo e para sua sonoridade. Também foi possível perceber a importância da interação entre alunos e professor, dentro e fora da sala de aula.

Palavras chave: Ensino coletivo de violão, aprendizagem colaborativa, educação musical.

Introdução

A Orquestra de Violões da Paraíba (OVPB) que tem como sede a cidade de João Pessoa – PB vem trabalhando há anos com o ensino coletivo de violão e obteve vários resultados positivos com as experiências na extensão da UFPB. De acordo com Sousa e Araújo:

> A Orquestra de Violões da Paraíba (OVPB), grupo camerístico atuante na cidade de João Pessoa desde a década de 90, iniciou uma nova etapa tornando-se projeto de extensão da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), Como projeto de extensão do Departamento de Educação Musical a orquestra expandiu sua proposta, que além de grupo artístico, passou a oferecer à comunidade cursos de violão coletivo. Desta forma, a OVPB se tornou um espaço para atuação de alunos dos cursos de licenciatura e bacharelado em música, como também para estudantes de violão de outros espaços com ensino de música, possibilitando a prática de orquestra e a prática pedagógica através das Oficinas de Violão Coletivo que são oferecidas gratuitamente para a população da cidade a cada semestre letivo (SOUSA E ARAÚJO, 2016, p.1).

As oficinas de violão coletivo oferecidas pela OVPB tem uma metodologia de ensino prática e direta. Desde a primeira aula o objetivo é que o aluno saia tocando pelo menos uma música e volte pra casa motivado a prosseguir com o aprendizado. Essa perspectiva está alinhada com uma proposta metodológica que visa promover o ensino a partir da experiência coletiva.

Na contemporaneidade da música, o ensino coletivo de instrumento tem sido discutido por vários profissionais e pesquisadores da educação musical. Dentre eles destacamos: Tourinho (2003), Santos (2007) e Cruvinel (2003). Segundo pesquisas realizadas por Galindo (2000) e Cruvinel (2003), a modalidade do ensino coletivo possibilita o desenvolvimento de capacidades que de maneira tradicional (professor - aluno), seriam difíceis de desenvolver. Pensando na prática do ensino coletivo por professores, Santos afirma:

> No que se refere ao ensino coletivo de instrumento, essa prática tem sido significativamente utilizada por professores de instrumento como forma de proporcionar um ensino mais dinâmico e estimulante, onde os alunos poderão desenvolver suas habilidades técnicas-instrumentais a partir de dinâmicas que favoreçam a troca de informações entre os alunos, a imitação e demais aspectos que motivem sua participação ativa durante as aulas (SANTOS, 2005, p. 02).

Neste sentido, os alunos têm a referência uns dos outros e isso contribui significativamente para sua aprendizagem colaborativa. Para Tourinho:

> Na Oficina de Violão extrapola-se a visão de curso e instrumento onde o aluno vai “aprender a tocar”, (seja piano, violão ou quaisquer outros instrumentos) como geralmente se expressa a maioria das pessoas. São cursos de música aplicada ao violão: o aluno, além de tocar, canta, solfeja, faz arranjos, toca de ouvido, toca lendo partitura, utilizando diversos gêneros musicais (TOURINHO, 2003, p.55).

Desta forma, desenvolvemos nosso trabalho com a oficina de ensino coletivo de violão com base nos estudos já desenvolvidos por esses autores, com o intuito de compreender melhor como ocorre o aprendizado de maneira colaborativa.

No ensino coletivo os alunos têm a referência uns dos outros, além de criar um espírito de competitividade que estimula ainda mais o aprendizado. Esse espírito de competitividade é destacado por Moraes (1995), ao apontar que "de todas as vantagens que o ensino em grupo pode trazer, a motivação é, provavelmente, a mais importante. Também a competição, em sua expressão mais natural e saudável, pode trazer estímulo extra para um aprendizado mais rápido e de melhor qualidade" (MORAES, 1995, p. 35, apud BATISTA, 2011, p. 114).

No trabalho colaborativo desenvolvido pelo projeto da orquestra, entre os diferentes conhecimentos abordados, são contemplados os aspectos técnico, social, perceptivo, cultural, entre outros. Dentre esses aspectos, procuramos abordar, neste trabalho, o perceptivo. Percebemos no decorrer de nossa atuação que o aspecto perceptivo está implicitamente relacionado com os aspectos físicos da música. Assim, inspirados pelo conteúdo do livro "O som e o sentido" de Wisnik (1989), procuramos alguns materiais no campo da física para obtermos uma melhor compreensão sobre estes aspectos físicos. Segundo Wisnik (1989), "toda música "está cheia de inferno e céu", pulsos estáveis e instáveis, ressonâncias e defasagens, curvas e quinas. De modo geral, o som é um feixe de ondas, um complexo de ondas, uma imbricação de pulsos desiguais, em atrito relativo" (WISNIK, 1989, p.21).

Sendo assim, achamos importante fazer um breve estudo sobre ondas e sobre como a captação do ouvido gera informação para o indivíduo. A partir de nosso olhar para esse campo de estudo, foi possível entender que, não somos indivíduos isolados de um meio mecânico de propagação. Assim sendo, de uma forma ou de outra estaremos a ouvir os sons do meio. As ondas, por sua vez, são manifestações oscilatórias presentes de forma bastante ativa no nosso dia-a-dia. Existe mais de um tipo de onda na natureza. No caso do nosso estudo, estaremos interessados em tratar as ondas mecânicas, pois o som está classificado dentro desse grupo. Tais ondas apresentam dois tipos de propagação, falamos da propagação transversal e longitudinal. O exemplo que nos interessa é o primeiro, uma vez que a oscilação da corda do instrumento é de natureza propagatória transversal. Uma vez agitada a corda, a energia será manifestada de

forma a agitar o meio até que um elemento de percepção, no caso o ouvido, capte e converta isso em informação compreensível para nós. O autor Paul G. Hewitt explica de forma bastante clara a propagação do som em um ambiente:

> O alto-falante do rádio é um cone de papel que vibra em ritmo com um sinal elétrico. As moléculas de ar próximas ao cone vibratório estão também vibrando. Esse ar, por sua vez, vibra contra as moléculas vizinhas, que fazem a mesma coisa com as suas vizinhas e assim por diante. Como resultado, um padrão rítmico de ar comprimido e rarefeito emanam do alto-falante, enchendo a sala inteira com movimentos ondulatórios (Hewitt, 2002, p.346).

Uma parte do nosso ouvido destaca-se mais que as outras para este estudo em particular: o ouvido interno. Nessa parte do ouvido humano está a cóclea, órgão ciliado sustentado por uma membrana chamada de membrana basilar: "As oscilações da membrana basilar levam as células ciliadas a gerar potenciais de ação; dessa forma, o sinal mecânico das oscilações é convertido num sinal neural que viaja pelo nervo auditivo até o cérebro" (GAZZANIGA e HEATHERTON, 2005, p. 158).

Desta forma, Uma maior taxa temporal de sons irá estimular o cérebro de forma mais abrangente. Com isso, a quantidade de neurotransmissores envolvida será, também, maior. Além disso, células diferentes serão estimuladas de formas diferentes, como cita Bruno Peres Paulucci: "O tipo de resposta de cada célula cortical pode variar em função de espectro, intensidade e localização espacial do som" (PAULUCCI, 2005, p.12).

Obviamente, o sentido da audição é próprio e único de cada indivíduo, de forma que cada um terá capacidades e habilidades muitas vezes únicas. Mas o que precisamos levar em conta ao apontar o desenvolvimento de tais habilidades, principalmente em conjunto, é o fator de atenção no que está sendo executado pelo grupo. Entra assim, uma conjuntura de fatores psicoemocionais que se agregam à leitura dos conjuntos de oscilações naquele meio de estudo. E é a partir dessa relação que este projeto foi realizado, buscando compreender como ocorre o processo de aprendizagem coletiva a partir da colaboração e dos aspectos perceptivos, visando contribuir para um ensino de instrumento mais lúdico e eficaz, bem como futuros estudos no campo.

Para a realização de nossa proposta, utilizamos um arranjo musical, a partir do qual observamos as interações perceptivas e a dinâmica de aprendizagem a partir da colaboração e dos elementos perceptivos enfocados no decorrer dos procedimentos metodológicos da aula. O público alvo foi uma das turmas da extensão de violão do departamento de educação musical da UFPB. Para execução do projeto utilizamos violões, câmera e smartphones.

A prática de tocar colaborativamente

Primeiro, elaboramos um arranjo para a música "Parabéns pra você" e o dividimos em três partes: o baixo, a melodia e a harmonia. Dividimos a turma em três grupos onde cada um ficou encarregado da execução de uma destas partes. Esta atividade foi uma oficina de violão desenvolvida em quatro aulas, cada uma com duração de uma hora e quinze minutos.

Na primeira aula, ensinamos o solo da música apenas na primeira corda do violão, com o intuito de diminuir a dificuldade de sincronia entre a mão direita e mão esquerda. Para isso, chamamos as casas do violão pelo número, igual na leitura de tablatura (0,1,2,3…). Nesse processo inicial, a percepção também foi o elemento condutor, ao entendermos que os alunos buscavam perceber se estavam executando corretamente a melodia a partir da memória sonora de uma melodia já conhecida e foi possível notar a importância dos aspectos na percepção auditiva dos alunos. Uma vez que em um ambiente qualquer, seja ele sala de aula ou não, sempre haverá ruídos. Isso gera nos alunos uma concentração maior em absorver com precisão só o som que lhes interessam. Segundo Wisnik (1989) "A onda sonora é um sinal oscilante e recorrente, que retorna por períodos (repetindo certos padrões no tempo). Isso quer dizer que, no caso do som, l um sinal nunca está só: ele é a marca de uma propagação, irradiação de frequência" (WISNIK, 1989, p.17).

Na segunda aula, ensinamos os acordes que acompanham o solo e fizemos o primeiro exercício de junção das duas partes vistas até o momento. Os acordes utilizados foram os de Lá, Mi e Ré maior. O ritmo dos acordes ficou apenas na marcação do tempo do compasso e inicialmente notamos a dificuldade dos alunos em sentir e decorar quanto tempo eles deviam ficar em cada acorde. Desta forma, percebemos a complexidade auditiva que os alunos foram

submetidos: Unir harmonia e melodia. A audição somada a execução tornou-se desafiadora para eles, uma vez que esta junção exigia uma sincronia entre os grupos através da percepção ativa, além de tudo ser novidade naquele momento. Sendo assim, a física nos explica através das palavras de Wisnik (1989) "A partir de um certo limiar de frequência (em torno de quinze ciclos por segundos, mas estabilizando se só em cem e disparando em direção ao agudo até a faixa audível de cerca de quinze mil hertz), o ritmo "vira" melodia" (WISNIK, 1989, p.18). Nesta prática de ensino do instrumento sabemos que a frequência sonora do instrumento predomina constantemente e que de forma construtiva os alunos vão desenvolvendo sua percepção. Para estimular o desenvolvimento de suas percepções, pedimos para eles ouvirem cada grupo tocando as partes separado e fomos cantando juntos a parte que faltava. Assim, eles puderam fazer uma relação consistente entre as duas partes e conseguiram tocar juntos. Para dar continuidade ao trabalho, elaboramos um jogo da memória a fim de fixar a numeração utilizada no solo, bem como o tempo dos acordes utilizados na música.

Na terceira aula, aplicamos o jogo da memória que criamos e assim que as duas partes iniciais foram concretizadas, ensinamos os baixos para complementar o solo e o acompanhamento para novamente fazermos o exercício de junção com as outras duas partes. Também adaptamos o jogo da memória para ajudar no aprendizado dos baixos.

Na quarta aula, juntamos todas as partes do arranjo e gravamos um vídeo final com a finalidade de observar novamente e entender como foi construído o aprendizado.

Para induzir os alunos a interagir entre eles e estimular a aprendizagem perceptiva, utilizamos a dinâmica de ficar em pares (um de frente para o outro) e cada um fez um trecho da voz abordada no momento. Esta dinâmica de ouvir o outro e identificar se estavam tocando corretamente, contribuiu para os alunos tirarem dúvidas sobre trechos da parte que executavam no momento, qual digitação utilizar e sobre o andamento que precisaria ser mantido por ambos. Outro recurso utilizado foi o solfejo, aplicado na melodia do 'parabéns pra você' que todos já conheciam. Este recurso contribuiu para a memorização do solo, bem como para afinação vocal. Com o jogo da memória, os alunos aprenderam os princípios da leitura da tablatura e puderam tocar outros solos a partir da leitura de solos criados na hora como o da música 'atirei o pau no gato'. Nesta atividade, eles puderam usar sua percepção através da conexão entre os números

da tablatura com o ritmo e a melodia que já conheciam e conseguiram tocar o solo a primeira vista.

A duração de cada aula se resumia em uma hora e quinze minutos por semana, diante dessa circunstância, utilizamos da tecnologia vinculada às redes sociais. Criamos um grupo de reforço e para tirar dúvidas através do aplicativo 'whatsapp' entre nós (professores e alunos), no qual em horário informal discutíamos sobre as dúvidas dos alunos e também postávamos vídeos como forma de ensino sobre posicionamento do instrumento bem como a postura sobre as digitações da mão esquerda. Estes vídeos também serviam como playback para os alunos estudarem. Os alunos, por sua vez, também mandavam vídeos de seus estudos em casa e além dos professores, os outros alunos também podiam interagir possibilitando uma interação professor-aluno e aluno-aluno.

Considerações Finais

Esta atividade beneficiou a turma, além de contribuir para novas atividades que serão desenvolvidas no projeto. Foi possível perceber que a aprendizagem colaborativa e os aspectos perceptivos andam juntos e é preciso que o professor oriente os alunos para se concentrarem a fim de tentarem perceber o som que cada um de seus colegas estão produzindo. Isso contribui para entender o que o outro está fazendo, para poder perceber mais claramente todas as vozes do arranjo, desenvolvendo ainda mais sua percepção. Ao final do trabalho, foi possível notar uma melhoria na coordenação motora dos alunos, na sua autoavaliação técnica e sonora, no aspecto da dinâmica, bem como no pulso musical. Consequentemente, ao final da execução do projeto, todos os alunos sabiam tocar todas as três vozes do arranjo.

Esse trabalho foi de grande importância para nossa formação como alunos do curso de licenciatura, bem como para os alunos integrados no projeto de extensão. É importante ressaltar que no ensino coletivo, a aprendizagem acontece de maneira colaborativa. Entretanto, a disciplina pessoal de cada aluno tem contribuído ainda mais para seu desenvolvimento individual. Por meio da participação em sala de aula eles conseguem absorver os conteúdos

executados por seus colegas de classe, de forma perceptiva. Sendo assim, ocorreram duas formas de aprendizado, uma por observação e a outra por execução própria.

A experiência adquirida neste projeto irá refletir em nossa trajetória como futuros docentes, tendo em vista que este nos proporcionou um olhar mais abrangente sobre o ensino coletivo de instrumento. Esta categoria de ensino nos permite uma autonomia na aplicação de uma metodologia na qual deve ser direcionada de maneira que todos possam desenvolver suas habilidades ao mesmo tempo, cada um no seu tempo.

Chegamos à conclusão de que, as vezes no meio do processo das atividades, uma certa metodologia não funciona de forma satisfatória e é necessário que haja uma mudança para se obter resultados positivos. Também foi possível perceber que a capacidade perceptiva, na qual focamos, é bastante significativa para a formação de nossos alunos porque através dela, eles podem perceber erros e ter a referência do outro para progredir no aprendizado.

Assim, é possível afirmar de forma positiva e otimista que o projeto veio enriquecer nossos conhecimentos em relação a nossa futura atuação docente, tendo em vista que os resultados foram obtidos com sucesso dentro do prazo planejado e as nossas práticas educativas foram absorvidas de forma clara pelos alunos. As atividades foram dinâmicas e proporcionaram uma sintonia entre o grupo na sala de aula.

Esperamos que este trabalho sirva de base para outros e que possibilite abranger ainda mais nosso olhar para o ensino coletivo de instrumento, visando melhorar cada vez mais nossa prática docente.

Referências

BATISTA, Antonio de Pádua Araújo. Uma experiência de ensino coletivo de violino no Projeto Vale Música em Belém do Pará. 2011. 139 f. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Pará, Instituto de Ciências da Arte, Belém, 2011. Programa de Pós-Graduação em Artes.

CRUVINEL, Flávia Maria; LEÃO, Eliane. O ensino coletivo na iniciação instrumental de cordas: uma experiência transformadora. In: Encontro anual da ABEM, 12 - ABEM, 2003. Florianópolis-SC. *Anais*... Florianópolis: ABEM, 2003, p. 326-333.

GAZZANIGA M. S. e HEATHERTON, T., F., (2005). Ciência Psicológica: Mente, Cérebro e Comportamento. Trad. Maria Adriana Veríssimo Veronese – 2. imp. ver. – Porto Alegre: Artmed.

GALINDO, João Maurício. Instrumentos de arco e o ensino coletivo: a Construção de um método. São Paulo: Dissertação de Mestrado - Escola de Comunicação e Artes, Universidade de São Paulo, 2000.

HEWITT, Paul G. Física Conceitual, 9.ed. Porto Alegre: Booksman, 2002 (Reimpressão), p. 329-370.

MORAES, Abel. O ensino do Violoncelo em grupo: Uma proposta para pré-adolescentes e adolescentes. Belo Horizonte: Monografia de especialização em Educação Musical, Escola de Música, Universidade Federal de Minas Gerais, 1995.

PAULUCCI, Bruno Peres. Fisiologia da Audição. São Paulo: USP – 2005.Disponível em: http://www.otorrinousp.org.br/imageBank/seminarios/seminario_28.pdf. Acesso em: 20/08/2017.

SANTOS, Carla Pereira. Ensino coletivo de instrumento: uma experiência junto ao grupo de flautas do Projeto Musicalizar é Viver. In: Encontro anual da Associação Brasileira de Educação Musical, 16., congresso regional da ISME na América Latina, 2007. Campo Grande. Anais. Campo Grande: ABEM, 2007. p. 01-06.

SOUSA, Johnatan Martins; ARAÚJO, Michel Soares. Orquestra de Violões, um caminho para a prática em grupo e o ensino coletivo de violão. In: Encontro Regional da ABEM, 18, Teresina. Anais. Teresina: Abem 2016, p. 01-10.

TOURINHO, Ana Cristina G. dos Santos. A formação de professores para o ensino coletivo de instrumentos. In: Encontro anual da ABEM, 12 - ABEM, 2003. Florianópolis-SC. Anais. p. 51-57.

WISNIK, J. M. 1989. O som e o sentido. São Paulo: Editora Schwarcz LTDA. 1989. p. 0-253.